

O Progresso Catholico

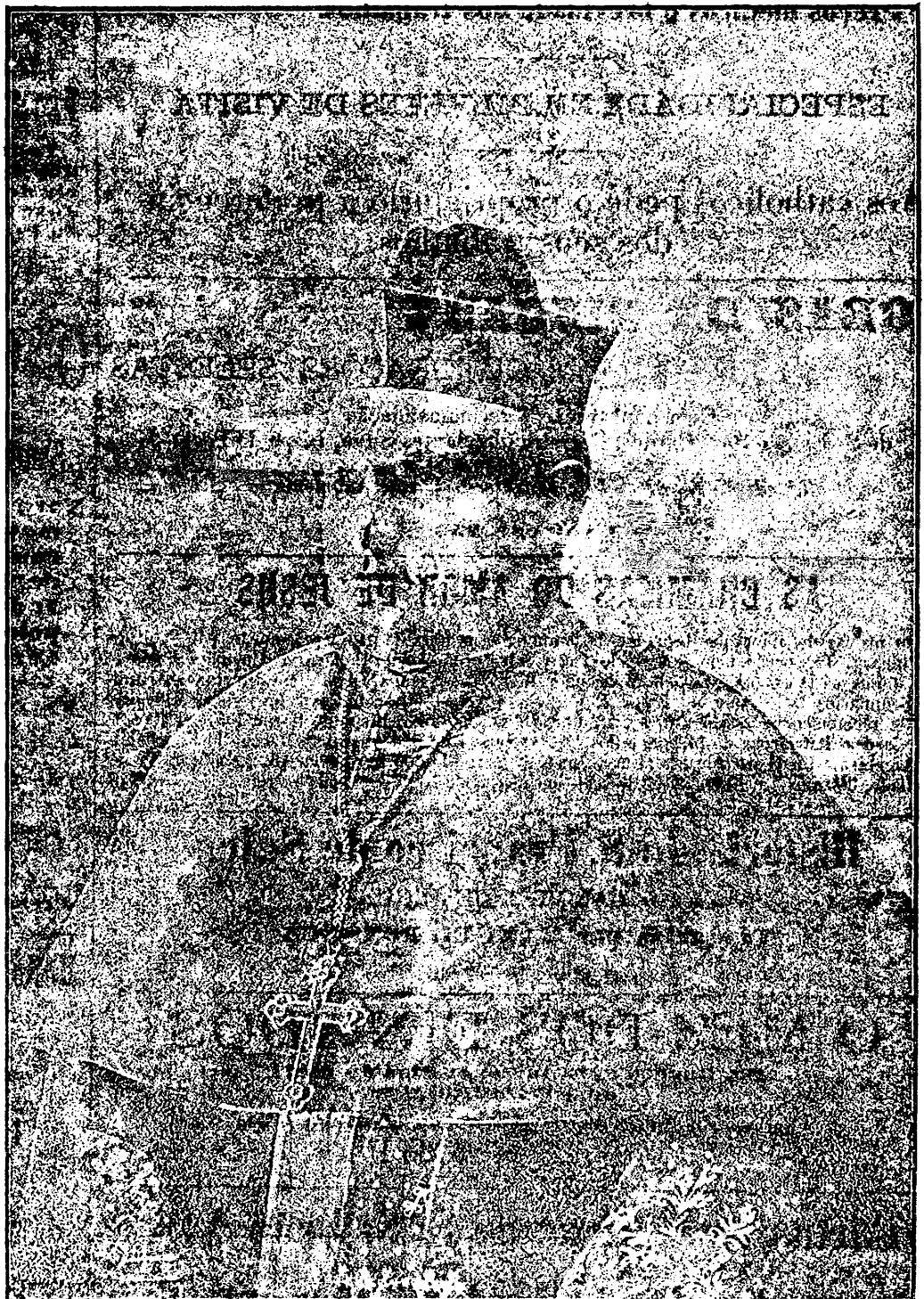
RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Por anno (Portugal e Hespanha)	12000 reis
India, China e America.	15200 »		Numero avulso	100 »



SUMMARIO — *Devoção a Maria*
—SECCÃO DOCTRINAL: *D. Antonio Moutinho, Bispo d'Argos e Prelado de Moçambique; A instrução religiosa*, pelo Rev.^{mo} Padre José Victorino Pinto de Carvalho; *Maria*, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. M. M.; *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo sr. Agostinho Salvador Ferreira—SECCÃO LITTERARIA: *Milicia Christã* (3.^a parte) pelo rev. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Deus é Deus* (poesia), pelo sr. Alves d'Almeida; *Crentes e descrentes* (romance de propaganda religiosa), pelo sr. A. Peixoto do Amaral—SECCÃO HISTORICA: *Santo Ignacio de Loyola e a sua grey*, pelo sr. A. A.—SECCÃO ILLUSTRADA: *Os partidarios de Antigon fabricam armas*—SECCÃO NEUROLOGICA—SECCÃO NOTICIOSA.

GRAVURAS: Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Moutinho, bispo de Moçambique.—Os partidarios de Antigon fabricam armas.



D. ANTONIO MOUTINHO
Bispo titular d'Argos e Prelado de Moçambique

TYPOGRAPHIA CATHOLICA

DE
JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

72 — Rua da Picaria, 74 — PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com todo o esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

ESPECIALIDADE EM BILHETES DE VISITA

Aos catholicos pede o proprietario a preferencia dos seus trabalhos

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

Com approvação e recommendação
de S. Em.^a o Snr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

3.^a edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol. enc. 250

AS CHAMMAS DO AMOR DE JESUS

Ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard. Traducção pelo Reverendo Padre Silva professor do Collegio de Cucujães e precaddido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espirituale dos Seminarios Diocesanos do Porto. E um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Snrs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16. 2.^a edição. Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 e reis pelo correio. . . . 740

Historia de S. Francisco de Sales

PELO MARQUEZ DE SÉGUR

Traduzida por MANUEL FONSECA

1 vol., broch., 600

Ô MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez
de NOVEMBRO

Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardel Bispo do Porto

1 vol. broch., 300; enc. 400.

Cartas Encyclicas de S. S. Leão XIII

4 VOL.

Brochado 2\$000
Enc. 2\$500

IMITAÇÃO DE CHRISTO

NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e
ampliada com algumas notas

PELO

P.^o MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300
Em carneira com as folhas brunidas a vermelho	400
Em carneira com folhas-douradas	500
Em chagrin-douradas	900

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO Á

Santissima Virgem Mãe de Deus

Novo manual para os exercicios de devoção n'este mez com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello Indulgenciado e approvado pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto.

Preço 400 reis

FORMULA DA CONSAGRAÇÃO
AO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

Modo d'ouvir missa

pelos defunctos

Preço—Enc. 160 reis

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700



DEVOCÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria — Deus te salve, Maria, Rainha e Senhora dos Anjos, filha e gloria dos Patriarchas, honra e promessa tão desejada pelos Prophetas; Doutora prudentissima dos Apostolos, Mestre eruditissima dos Evangelistas, conforto vigorosissimo dos Martyres, modelo e exemplar maravilhoso dos confessores, Mãe piedosissima dos Monjes, Abbadesa clementissima, guia e directora castissima das Virgens, Imperatriz gloriosissima de todos os Santos.

Invocae a Maria — Deus te salve, Maria, que excedes aos Anjos em pureza e gloria; aos Patriarchas em fé e piedade; aos Prophetas em providencia e verdade; aos Apostolos em caridade e obediencia; aos Evangelistas em amor e compaixão; aos Martyres em zelo e fortaleza; aos confessores em limpeza e justiça; aos Abbades e religiosos em temperança e pobreza; ás Virgens em pureza e castidade.

Alegrae a Maria — Deus te salve, Maria, minha clementissima Mãe, reconciliadora unica dos inimigos, consoladora universal dos afflictos, alegria dos tristes, soccorro singularissimo dos necessitados.

(Das Saudações á Immaculada, por F. A. Alvarado).

SECÇÃO DOCTRINAL

D. Antonio Montinho, Bispo titular d'Argos e Prelado de Moçambique

Agora que o illustre prelado foi sagrado, e que o *Progresso Catholico* é honrado com o seu retrato, vamos fazer uns ligeiros traços biographicos.

Nasceu o illustre prelado a 17 de dezembro de 1862, no lugar da Granja, freguezia de Aguas Santas, concelho da Maia, diocese do Porto. Fez exame de instrucção primaria a 22 de maio de 1878. Em 1883 matriculou-se no seminario episcopal, completando o cur-

so em 1885. Recebeu ordens menores a 27 de julho de 1884, de subdiacono em 3 d'agosto do mesmo anno, de diacono em 2 d'agosto de 1885 e de presbytero a 19 de setembro do mesmo anno. Em 1887 matriculou-se na faculdade de theologia da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1887-1888, obtendo a carta de bacharel em 1891. Foi nomeado parcho encomendado da freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya por decreto de 3 de dezembro de 1891, e professor substituto de sciencias ecclesiasticas do seminario do Porto, por portaria de 18 de janeiro de 1892, sendo a nomeação definitiva por portaria de 17 d'outubro de 1894. Foi nomeado examinador prosynodal de sciencias ecclesiasticas a 13 de janeiro de 1894, e vigario do 1.º districto ecclesiastico da Feira por provisão de 14 de abril de 1896. Foi apresentado no beneficio parochial de Santa Marinha tomando posse a 17 d'abril de 1898, por carta regia de 6 de junho de 1896. Em 8 de dezembro de 1898 fundou o Circulo catholico de operarios de Gaya. E finalmente foi nomeado prelado de Moçambique por decreto de 7 de março de 1901, e bispo titular de Argos pelo Breve de 21 de agosto do mesmo anno. Tomou posse da prelacia, por procuração no dia 1 de janeiro de 1902, sendo solemnemente sagrado na Sé do Porto a 6 do mesmo mez e anno.

Deus illumine o novo prelado, porque da sua boa vontade, zelo e sciencia muito e muito tem a esperar a patria e a religião.

A instrucção religiosa

O estudo da Religião é o mais importante e necessario ao homem, que sem conhecel-a, não pode saber quaes os seus deveres para com Deus, com o proximo e consigo mesmo; nem prestar a Deus o culto devido, nem sanctificar-se a si e concorrer para a sanctificação dos outros.

Mostra a experiencia que o homem, sem instrucção religiosa, tractando apenas de satisfazer suas necessidades temporaes, olvidando ou desconhecendo o que lhe cumpre fazer em relação á sua vida espiritual, pouco differe d'um ente irracional!

E a sociedade sem religião, rotos os laços sociaes, que devem unir seus membros, não observados os direitos e os deveres reciprocos, que entre elles existem, torna-se um cahos e cahe na dissolução irremediavelmente.

Ora, para que estes laços sejam reaes, necessario é que os dicte uma auctoridade superior ao homem, que tenha direito de impor-lhe deveres e

exigir seu cumprimento; bem como de lhe dar direitos e obrigar os outros a respeitá-los.

E' pois indispensavel, para que os homens sejam ligados entre si por esta reciprocidade de direitos e deveres, que estejam ligados a Deus, pela submissão á sua auctoridade.

E nada d'isto pode existir, se o homem ignorar a religião, isto é, a Lei estabelecida por Deus, que nos ensina o que devemos crer e observar, para prestar ao Creador o culto devido, sanctificar nossa alma e viver em paz com o proximo.

D'aqui se vê a importancia da instrucção religiosa, sem a qual não pode o christão conhecer a religião, nem a Igreja depositaria de seus mandamentos e doutrinas sublimes, nem os beneficios incalculaveis, que só ella presta á sociedade.

O zelo que os Israelitas mostravam pela sua religião, verdadeira, mas temporaria e passageira, deve ensinar aos christãos quanto devemos amar a nossa, que é eterna e divina.

Os Chefes das familias instruíam cuidadosamente seus filhos e domesticos, procurando abraza-los no amor de Deus e da sua lei; e esta instrucção prendia-os cada vez mais á sua religião; amavam-na com taes extremos, que preferiam morrer a violar seus preceitos, e até se negavam a cantar os louvores do Senhor em terra estrangeira onde lhes faltava o templo e o altar.

A instrucção religiosa faz-nos comprehender a grandeza dos mysterios da Religião; a magestade das ceremonias do culto; a virtude dos Sacramentos, com que sanctifica o homem; a força dos exemplos, que propõe, a certeza das verdades, que ensina; a severidade da Moral, que prega; a abundancia de graças, que contem, e a boa ordem que preside a tudo que ella regula e dirige.

Instruidos na religião, sustentados pela sua força, e animados pelo zelo da sua honra e esplendor, venceremos as tentações, evitaremos os laços do demonio; teremos horror ao peccado, triumpharemos dos respeitos humanos, não succumbiremos aos trabalhos da vida, tractaremos de adquirir todas as virtudes e esforçar-nos hemos por fazer todo o bem.

Tendo zelo de nos instruir na religião, todos os caminhos de salvação nos ficam patentes: sem este zelo, mil obstaculos insuperaveis se oppoem á nossa sanctificação; não amaremos a Religião, que nol-o faz conhecer em todas as suas perfeições e grandezas.

Só a instrucção religiosa nos convencerá plenamente de que os leis de Deus e da sua Igreja, são as mais sanctas, mais rectas, mais conformes á razão.

Os ultimos lamentaveis acontecimentos anti-religiosos, que se deram entre nós, e que ainda opprimem os catholicos, com todo o peso da sua iniquidade, são um documento bem patente da falta de instrucção religiosa nas classes inferiores, e ainda n'uma parte das superiores, que pretendem passar por illustradas!..

Uma ignorancia crassa de tudo o que diz respeito á Religião, ás leis da Egreja, aos institutos religiosos, aos regulamentos que os regem, ao importante logar que occupam, e ao papel que desempenham na economia religiosa, e aos beneficios espirituaes e temporaes, que espalham por todo o mundo!..

Se houvera instrucção religiosa, não se presenciariam tantas aberrações deploraveis em materia de religião, á cerca da qual todos querem dissertar *ex-cathedra*!..

Que todos se compenetrem bem da importancia da instrucção religiosa: os encarregados de fornecel-a, para que não afrouxem no cumprimento d'este dever, da mais alta importancia social; os que precisam de aprender, para que não discutam um assumpto, de que depende a sua felicidade temporal e eterna, bem como a paz e o bem estar da sociedade em geral.

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO

Abbate de Mancellos

Maria

MA na nossa vida momentos tão tristes e de tão intenso soffrer; luctas tão renhidas entre a carne e o espirito, tempestades tão encapelladas que d'um momento para o outro se levantam sem deixar antever vislumbre de bonança, que cada um de nós succumbiria na desesperança, se a nosso lado não tivéssemos um amigo poderoso e bom a confortar-nos e a inspirar-nos constancia e valor em taes circumstancias. Este amigo não o encontramos na terra pois os de cá são incompetentes para nos auxiliarem em taes combates. Porém se volvermos os olhos da nossa alma ás regiões ethereas, diz-nos a fé que lá existe um poder infinito, sabio e bom que tanto nos póde alliviar como livrar. Este poder supremo é Deus: Mas como somos creaturas tão mesquinhas como imperfeitas pelos peccados que commetemos, não nos arrojam a fallar-lhe directamente. Deixou-nos Deus em sua infinita misericordia uma medianeira, em quem depositassemos toda a confiança e nos amasse extremamente. E' Maria, a filha dilecta de Deus Padre, a Mãe querida de Jesus,

e a esposa do Espirito Santo, que junto ao throno de Deus intercede por nós seus miseros filhos. E' Maria a creatura mais sublime, mais bella, mais perfeita, e mais poderosa que sahiu das mãos do Eterno; e foi a Ella que no momento supremo de sua agonia na cruz, nos entregou, na pessoa do discipulo amado: «Mulher eis ahi teu filho»; e voltando-se para S. João como se fosse para cada um de nós, disse: «João eis ahi a tua mãe». E' nossa irmã, é nossa amiga n'este exilio de gemidos e angustias. Oh! quem tem uma Mãe tão compassiva uma amiga tão poderosa, soffrendo ha-de sentir allivio: não é ella a consolação dos afflictos? Oh! sim, Maria, a formosa filha de Israel, é superior a tudo que não é Deus: não é ella a rainha dos anjos, santos, confessores e martyres? Maria é pois a nossa advogada diante do seu filho Jesus. E é por isso que, quando nos rala a afflictão, não hesitamos um momento sequer em ir diante da sua imagem dizer-lhe com voz soluçante: «Intercede, Mãe afflicta, por nós a Jesus. Maria, cuja belleza, ternura e santidade enamorou o coração do Eterno, attrahe a si toda a humanidade seja qual for a sua posição social: não vemos nós tantos monarchas tomal-a por protectora dos seus reinos? Não é Maria a protectora de Portugal? Não ha poeta que não tenha desferido a sua lyra em honra de Maria: é Ella a sua mais grata e feliz inspiração. Não ha escriptor que lhe não tenha dedicado a sua prosa. O esculptor tem modelado a sua escultura pelas linhas correctas de Maria, a mulher mais perfeita, mais bella das filhas d'Eva. A musica dedica-lhe as mais bellas melodias e o christão o seu affecto e o seu amor. Maria rivalisa em brilho aos astros do firmamento, em belleza ás mais numerosas flores da primavera, em pureza aos anjos do Empyrio e em poder aos santos do céu! Maria é a doçura, a vida, a esperança e o amor da alma devota. Oh! vejamos como tudo lhe presta homenagem: O dia apenas disponente e logo em cada torre o sino annuncia que resemos á Virgem. Ao meio dia, vem outra vez a voz do campanario lembrar-nos que nos ajoelhemos e de mãos postas digamos: *Ave Maria*. A' tarde, quando as trevas da noite vem envolver o dia no seu triste manto, e dizer ao homem que regresso ao seio amante da familia, para no outro dia recommear o seu trabalho com nova força e vigor, annuncia-lhe ainda o campanario que preste a ultima homenagem d'amor e respeito á sua soberana, co-redemptora e advogada, invocando n'uma prece fervente a saudação angelica, *Ave Maria*. Maria! dizem os anjos em mavioso côro e as avesinhas do espaço nos seus melo-

diosos gorgeios. Maria! dizem as vagas do oceano quando se quebram no rochedo da praia. Maria! entoam n'um hymno unisono todos os catholicos em todas as phases da vida. Maria! diz o moribundo, com amor crescente, quando a ultima lagrima lhe rola pelas faces lividas, signal evidente de deixar o mundo. Maria! diz o pobre naufrago, luctando com as encapelladas ondas, certo de que ella será a sua salvação. Maria! diz o pobresinho na sua mansarda, a sós com a sua miseria, confiado n'aquella que se chama Mãe de misericordia, e que proverá á sua necessidade. Maria! diz o enfermo no meio de dores cruciantes, oh! esta mãe tão terna e compassiva allivia-o, minorando-lhe o soffrer com uma resignação heroica. Maria! pronunciei eu quando era pequenina, amparada por uma mãe protectora, que me dizia: é a tua Mãe do céu. E eu que não via em volta de mim os carinhos d'uma mãe terrena, olhava para Maria com mais e mais amor. Maria pronunciei na adolescência, quando o mundo sorri para nos perder, e a nossa boa Mãe do céu velou sempre em minha defeza. Maria! pronuncia agora no meio dos seus dissabores que só ella conhece, e que com tanto amor me inspira coragem e resignação. Maria! pronunciarei na velhice como n'um hymno de vivo reconhecimento: Maria será a minha ultima phrase entrelaçada com os SS. nomes de Jesus e de José. Maria! minha protectora, minha Mãe, minha esperança meu refugio: ampara me por entre os escolhos da vida, e no momento da morte! Maria! exclamarei ao acordar com acerbas saudades de te vêr, ó mais formosa que a lua! mais pura que as saphiras! mais rutilante que o sol! Maria! dirá o meu coração quando vier do somno o repouso e, mesmo então, murmurarei: Maria! amor, amor, amor!

M. M.

Socialismo, Christianismo e Catholicismo

JESUS Christo, Senhor nosso, empregar todos os meios de nos convencer, de que nós podemos cahir a cada passo em faltas, as mais grosseiras até; se Deus e Maria Santissima não nos assegurarem: temamos a indocilidade do espirito, a paixão do amor proprio, que nos expoem a certas duvidas na materia de fé. Sacrifiquemos generosamente nossas ideas pessoaes, nossas opiniões pretenciosas, que muitissimo nos podem induzir em erros.

O «aquillo que desejamos facilmente acreditamos», diz-nos tudo para nos dispormos anticipadamente a nada fa-

zer, dizer ou desejar por nosso amor, louvor e reputação; mas tudo, sim, pela salvação eterna. «Ensinæ-nos, dizemos nós a Christo. Senhor nosso, ensinæ-nos a orar (Liv., XI) Nosso Senhor nos fala:» E' preciso sempre orar e nunca descançar (Ibid., XVIII).

Nem cançar nem descançar, é a norma verdadeira de nosso viver, como convem, sobre a terra. Evolução e não revolução, eis aquillo que nós pretendemos. Quem paga 30 p. c. de contribuição de guerra, no meio de uma paz vergonhosissima, de certo não quer revolução. Uma divida de uns 700:000 contos de reis! para este Portugal, d'agora, parece uma divida insolúvel. Ou, então, já de todo se perdeu o sentimento do bem! Para ser perfeito este sentimento do bem-estar deve ser bom em tudo.

Quem não estiver bem, componha-se. Pois é o que devemos fazer: compor muito bem, e deixar correr... Muito bem em tudo, é o de que se precisa mais. Isto de pedir e roubar e não pagar a quem se deve;—de saber sem estudar, e ser rico sem trabalhar não presta,—não tem o bom effeito,—não tem graça.

Ser engraçado valerá muito; mas estar em graça vale, certamente, mais.

Porém, é moda hoje o esgaravatar os dentes com os padres, como se foram elles palitos. E quanto mais forem elles magros! melhores padres hão de ser para satisfazerem a moda consummada, como está.

Hoje a moda é a de comer bem padres, desculpem! bem palitos; e, de serem elles bem comidos, poderá vir alguma cousa!... Não ha duvida: queremos, com certeza, ser enganados. Dil-o muito bem nosso D. Antonio Thomaz, saudosissimo bispo de Lamego na sua «Escravatura na Europa»... «no cap. 10º., no qual insculpe:»... meio efficaz, de que as nações da Europa deveriam lançar mão, se quizessem sinceramente acabar a escravidão e o trafico vergonhoso dos brancos...»

A pag. 114 escreve: «Somos constantemente enganados e achamos grande prazer em que nos enganem.» Que desenganado ensino em tam limitadissimas palavras! E'-nos preciso ser menino, e por conseguinte passarmos todos pelas humilhações e soffrimentos inherentes ao estado de simples meninos, para fazermos nossa educação espirital e a solida, para nossa vida perduravel. Temos necessidade absoluta de nascermos com Christo e de vivermos com Christo para sermos felizes.

O' salutaes mandamentos de Jesus, ó sacramentos ainda mais edificantes e salutaes, vós nos conseguis, os maiores de todos os resultados! Feliz o padre, que ante a humildade do Taber-

naculo, alli reconhece a presença de Deus, que não vê n'aquelle logar, e acrescenta com S. Thomé:» Vós sois meu Senhor e meu Deus» para reparar suas faltas. Elle a si mesmo se condemna e proclama bem alto, não só a humanidade de Jesus Christo, mas tambem a Sua divindade.

Fala o divino Mestre:» Felizes *qui*, aquellas pessoas, que *non viderunt*, não viram *et crediderunt*, e creram.» *Beati*, felizes aquellas pessoas que possuem a verdadeira fé. «A fé, como diz S. Paulo, é a subsistencia ou realidade das cousas que se devem esperar, a evidencia do que não apparece.

O fundamento de nossa esperanza é a nossa fé. Sem a fé, nós o que somos?

Quem espera em Deus logra sempre o que deseja; muito pelo contrario, quem com o diabo anda, chora, que não canta.

E o adherir a Deus, tam sómente em nossos projectos e acções, encarregando-se de querer tudo aquillo que Deus quer, é o sacrificar-se a si mesmo. Santo de santissimos, Deus meu, fazei com que não seja eu tam inimigo de mim, que despreze o fazer christãmente as acções vulgares e triviaes, para formar o uso edificante de uma vida modesta de meritos, e gloriosa.

Quem dá gloria ou a desfructa é considerado por Deus, e tem, de si, merito proprio, glorificando-as Deus eternamente. Gloria e bemaventurança é o fim do merito, é o premio que Jesus Christo nos dá, como uma herança ou um patrimonio.

Em nome do merito de Jesus Christo é-nos dado tudo quanto nós quizermos. Assim, se nós confiarmos em Jesus Christo, e Lhe dissermos com confiança e humildade: «Senhor, eu não Vos peço senão uma gotta de Vosso sangue, umas lagrimas de Vossos olhos, um suspiro de Vosso coração, e serei rico, e minha confiança não será enganada, nem na vida nem na morte: salvo estarei.»

Pois, como salvar-me, por ventura, sem um Salvador efficaz, universal, que a todos nós dê um verdadeiro auxilio?

Quem como Deus, e no Santissimo Sacramento do altar, nos pode auxiliar tam bem, e tam sempre?!

Paradella, villa extincta

(Continuare)

AGOSTINHO SALVADOR FERREIRA

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

3.ª PARTE

XVIII

As nossas despedidas do anno 1901 de má memoria

TRABALHASTE, patife, por conta de mau patrão, e, como tal, desejo que te pague.

Os vidraceiros que te rezem pela alma, pelo muito trabalho, que lhes proporcionaste com o teu habito agarrado d'apedrejar vidraças.

Que a garotagem vista luto ao vêr-te descer ao sepulchro, vendo eclipsar-se o predomínio, que tu lhe deras sobre as classes cultas.

Dos teus progenitores tinhas muito bem a imitar: mas nasceste bem inclinado para o mal, e desde criança cercaram-te manhosos velhotes corrompidos, e jovens libertinos, que te lançaram no abysmo da descrença.

Uma vez incredulo não procuraste outra felicidade que a do tempo; porque tornaras-te incapaz da eterna, unica verdade.

Inda que racional, pozeste os teus gozos onde os topam os brutos irracionais; como, porém, a tua capacidade fosse muito maior, morreste esfomeado, não por seres pobre, mas por te tornares tolo.

Morreste na ignominia, porque não foste nem caridoso nem justo.

A China e o Transwaal te amaldiçoam cordialmente, e lá nas Filippinas te dizem despota, cruel e tyranno, e se te não mimoseiam com outros nomes inda menos honorificos, é porque na sua rudimental illustração os não conhecem.

Sobre o teu sepulchro se esculpirão estas palavras: *aqui jaz quem em toda a parte deixou memoria triste de si.*

Não digo mais: porque me appareceu um phantasma, que escrevia nas paredes do meu escriptorio estas latinhas e sentenciosas palavras — *Pax sepultis.*

Não me leves, porém, a mal que eu cante um *Te-Deum* por te ver desaparecer da face da terra, onde bem sei que nunca faltarão patifes; mas ao desaparecer um e do teu tamanho é festa de celebrar.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Deus é Deus

—
Ao meu amigo rev. pater J. Lopes Teixeira

A'lém d'aquillo que nós todos vemos,
Alguem affirma que mais nada existe
Dò que uma valla miseranda e triste
Que occulta o bem ou mal que aqui fazemos.

Alguem o diz, mas que sabe esse alguem?
O homem n'isto pouco ou nada diz;
E que dirá quem n'um sonhar feliz
Não sonda as máguas que a miseria tem?...

Emquanto o rizo do prazer fulgura
Qual sol ameno do ridente Abril,
Nada mais ha do que este mundo vil
E esses luzeiros da Amplidão-Natura.

Mas quando apertos dos vae-vens da sorte,
Sem remissão, nos veem bater á porta,
Então ha Deus, porque só Elle conforta
O pobre enfermo... que ao pé vé a morte!

E então ao ver-lhe o fero rir severo,
Já se acredita no principio eterno
E no rigor do pavoroso averno
Que ao criminoso punir sabe austero!...

Bem haja a dôr que ao homem faz lembrar
A escura valla da mansão funerea,
E vêr nos lumes da amplidão etherea
O grande Auctor que alli os faz brilhar!

Bem haja o mal que para bem tortura
E ao homem lembra que é um vil ninguem!
Bem haja o diabo, se aconselha o bem
E ao homem diz que Deus povôa a altura!

Parece incrível que n'um mundo culto,
Tão culto, ó Cerdo, que já falla a Marte,
Se não adore e veja em toda a parte
Do Sempiterno o mais que sancto vultol

ALVES D'ALMEIDA.

Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa)

V

Doas famílias venturosas

(Continuado da pag. 272)

Acabada a cerimonia nupcial, e unidos os dois nubentes pelos sagrados laços do sacramento do matrimonio, foram jantar todos ao restaurante do Palacio de Christal.

Correu tudo animadamente, havendo, como era de prever, grande alegria, entre todos os commensaes do

lauto, embora modesto banquete, pois que foi apenas reservado ás duas familias, e a um limitado numero de amigos particulares.

Acabado o jantar, foram as duas familias para a estação de Campanhã, visto que os noivos iam passar os oito dias denominados da *lua de mel* para o Sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Apoz as despedidas, e os abraços de verdadeiro affecto, trocados de parte a parte, partiram os dois fieando só os paes dos noivos.

Retocederam estes de novo para a cidade.

Chegados á praça de D. Pedro, apearam-se, pagaram ao cocheiro e despediram o carro.

Entraram todos no velho e extinto café das Hortas.

Ahi, apezar da animação dos concorrentes, não pode conter-se a boa da Luiza, e as lagrimas, até ahi represadas a custo, caliram a uma e uma pelas faces um pouco abatidas.

—Então? que é isso, comadre?— perguntou D. Anna, porque chora?

—Deixe-me, comadre. Eu não devia mostrar-me fraca, porque bem sei que a minha Guilhermina vae ser muito feliz... mas emfim, não está mais na minha mão. Chocou-me aquella despedida, na estação. Parecia-me que a minha filha ia para o Brazil, e que nunca mais a tornaria a ver...

—Tem juiso, mulher—reprehendeu affavelmente o marido, tu bem sabias que ella ia passar oito dias em Braga. E olha que nós não estamos sós.

—Eu bem sei, Manoel—respondeu a pobre mulher—mas isto foi nuvem que passou... mas...

—Mas quê?—interrogou o compadre, agora sogro de Guilhermina. Trouxe-os para aqui, e não pensem que foi só para lhes pagar café, foi para lhes dar uma boa nova. A sua filha ha de voltar, e o meu filho tambem, e nem a comadre fica a viver longe de Guilhermina, nem eu longe do meu Arthur.

—Ora essa! exclamou D. Anna, muito admirada. Pois não se combinou que havias de lhes alugar casa, e participar-lhes onde era, para elles irem para lá residir?

—E mais do que isso—exclamou tambem Manoel por seu turno—disse-me aqui o compadre que a casa já estava arranjada, faltando só mobilal-a.

—Tudo isso é verdade, meus senhores—exclamou o snr. Sequeira muito contente consigo mesmo. Eu disse tudo isso, mas só foi até hoje, porque tanto eu, como o meu Arthur já sabiamos mais do que os senhores a este respeito.

—Mas então o que ha? perguntou D. Anna, que, anciosa por saber o que

se passava, deixava arrefecer o café sobre a bandeja.

—Já disse que os trouxe para aqui, para lhes dar uma boa nova, e a boa nova que lhes quero dar é a seguinte: «Vocês sabem o que eu fui fazer ha um mez ao Douro?»

—Foste tratar dos teus negocios—disse naturalmente a esposa.

—Sim, fui,—concordou o marido.

Fui comprar umas pipas de vinho e receber o pagamento das lettras que haviam sido endossadas á firma Souza & Filho. Mas tambem fui fazer outra coisa, e essa noticia, como já lhes disse, reservei-a de proposito para agora. Pois saibam que comprei uma quinta proximo de Sinfães, onde iremos residir todos, afim de gosarmos os recursos que Deus me concedeu, e vivermos em descaço o resto da nossa vida.

—Como assim? perguntou muito admirado Manoel.

—E' verdade, compadre. A virtude tem por fim a paga de Deus. A quinta que comprei é muito grande, a casa tem muitos commodos, e todos ahi havemos de viver como Deus com os anjos. Ha capella com o respectivo capellão, para podermos assistir ao santo sacrificio da missa, e já a minha boa comadre vive em companhia da sua Guilhermina, e tu, minha Anninhas, vives em companhia do teu Arthur...

—Mas, ó homem—inquiriu então o Arthur...

—Bem sei o que me vaes dizer, mulher... Bem sei que o Arthur nunca teve geito para lavrador, e não ha-de querer andar com os bois á charrua, mas tem uma espingarda e pode andar á caça. E se uma vez por outra quizer vir ao Porto, ou só, ou com a Guilhermina ouvir uma opera no theatro de S. João, ou assistir a alguma festa de igreja mais pomposa, tem proximo uma estação e pode vir á sua vontade, porque só terá algumas horas de viagem. Mas estou convencido que elle, para agradar á sua esposa e á sua nova familia, preferirá os ares saudaveis do campo, á atmospha deleteria que se respira nas cidades.

—Apoiado, compadre! bradou entusiasmado Manoel—isso é que se chama saber fallar.

—Não é só isso, compadre; é que vale mil vezes mais um copo de leite puro, extrahido d'uma vacca, em plena aldeia, do que o mais opiparo jantar, na maior e mais populosa cidade do mundo. E tenho concluido, e agora, tratemos de tomar os nossos cafés, antes que arrefecam de todo.

E todos obedeceram ao excellento homem, que tanto do coração lhes queria.

—Agora outra coisa. Vocês sabem



Os partidarios de Antigono fabricam armas

—continuou elle que já não voltam mais para a sua casa?

D. Anna olhou para o marido, mas nada disse.

—Eutão para onde havemos de ir?

—Para minha casa, está claro. Eu não havia de querer, que n'um dia de noivado, ficassem a dormir no meio da rua. Já que hoje se uniram os nossos filhos, nós havemos de nos unir também.

—Mas compadre...

—Pshiu! Aqui quem manda sou eu. Não ha mas, nem meio mas. Não quero que os sogros de meu filho tornem a viver na pobre casa em que viviam. Em minha casa ha os commodos precisos para mais duas pessoas, e demais oito dias depressa se passam. Porque, já o sabem, mal cheguem os nossos filhos nós partimos immediatamente para o Douro.

E não houve que resistir á vontade d'aquelle verdadeiro amigo.

(Continua)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO HISTORICA

Santo Ignacio de Loyola, e a sua grey

FORVA e minaz apparecera a reforma maldicta no seio da Germania. Encarnação completa da soberba e da luxuria, representante tam adequado como audaz da desmoralisação que vinha, de ha muito, solapando a grandeza do imperio allemão, Martin Luther o desacata e vilipendia a auctoridade do Pontifice romano; rompe com as tradições irrecusaveis da Igreja; proclama a livre interpretação da palavra de Deus escripta;—e em tam deploravel desvairamento é applaudido e acompanhado por grande parte dos seus compatriotas. O pseudo-reformador engoda os principes tudescos com os cubiçados bens ecclesiasticos; descaptiva os dissolutos da severa disciplina catholica; larga redeas a paixões impetuosas: tanto bastava para arrebanhar milhões de sectarios; mais não era preciso para assegurar a expansão das dissolventes doutrinas por varias provincias d'Allemanha, e de lá, em derivação disfarçada ou em arrogante invasão, por outros paizes da Europa, nos quaes o lutherano credo, alterado ou não, achara adeptos e defensores entusiastas em quantos, perdido o norte da fé, se haviam pervertido nos costumes. Desfralda-se aos ventos a bandeira sinistra da revolução religiosa; vem ás mãos os herejes e os catholicos; o

sangue corre a sabor de ferozes instinctos. Tenta o sceptro imperial sustar as desordens, rebater, suffocar a heresia; suscita protestos ruidosos, e difficulta, e complica a situação. Encarnicadamente se degladiam os bandos adversos; o delirante fanatismo abate-se aos mais horriveis excessos: vêem-se talados formosos campos; incendiadas cidades e aldeias; profanadas as casas do Senhor; destruidas soberbas obras d'arte; cahem ceifadas milhares de vidas em prelios infandos;—lá onde a civilisação se affoga em ondas de iniquidade, na patria desventurada do villissimo Luther o.

Que furor vandalico, que selvagismo exterminador, tempestuoso se levanta no culto appendice do antigo continente? Que medonha caligem vem obumbrar os espiritos? Que desenfreiada licença vem desgarrar as vontades?...

O monstruoso erro tenta estancar os jorros da Verdade que de Roma irradia; a corrupção infrene emprehende arrastar, as almas para longe da norma viva de santidade que ás almas offerecem os successores de Pedro e seu conselho egregio!

Reconduzirão a Europa os maldictos discolos aos tempos da depravação antiga? ás desconsoladoras incertezas da aberrante philosophia? ao jugo e á vergonha das immundicies pagãs?...

Nas promessas divinas confiada, não teme, contra Ella prevaleçam do Inferno as portas a mystica Esposa de Christo; chora, porém, consternada a perdição de tantas almas, as desgraças desencadeiadas sobre a pobre christandade; e gemebunda implora ao céo o sobrenatural auxilio.

E a Providencia, que vigilante modera os humanos destinos, e carinhosa assiste á vida e triumpho da Apostolica Séde, escolhido havia já, nos seus insondaveis designios o varão forte que ia contrapôr, especialmente, ao infame Luther o. Ao tempo em que aos quatro ventos apregoava a sua apostasia o corripheu da impiedade moderna, um ferim nto gravissimo inutilisa para as pugnas cruentas da guerra um organismo robusto, de muros a dentro da capital da Navarra; e, a pouco tardar, um toque potente da graça divina amoldava o espirito elevado que esse organismo animava, para iniciar a campanha secular, da Igreja sob a égide e auspicios, contra a obra demolidora do ex-frade de Wittemberg.

Esse varão insigne, esse vulto extraordinario, que havia de por abalisadas virtudes elevar-se aos altares, e por estrenuos e gloriosos serviços cooperar com a Igreja na salvagação das almas; esse heroe altamente benemerito, que havia de lançar a confusão á heresia e um travão á immoralidade; era, diga-

mol-o reverentes—Ignacio de Loyola. Eis o Hercules christão, que denodadamente, por si e por sua grey, de então e dos tempos porvindouros, ia arcar, especialmente, com o monstro informe da lascivia e gerado da soberba.

Fadado viera ao mundo para altos commettimentos o inclito Ignacio, gloria de Hespanha. De nobilissima estirpe, no senhorial castello de Loyola, nascera o predestinado hespanhol. Mimoso de ventura, do ceu recebeu dom mais estimavel que os pergaminhos de invejado esmalte;—a dita d'uma educação religiosa entre os carinhos da sua familia exemplarmente piedosa.

Na escola dos sãos principios religiosos e moral pura que professavam e praticavam os paes de Ignacio, e atravez dos brios cavalleirosos que se respiravam na solarenga habitação, foi-se accentuando faustamente aquelle caracter varonil e levantado que daria brado em todo o mundo.

Os serviços da sua caza, as recommendações da sua fidalga genealogia, e as esperanças promettidas pela viva intelligencia, generosa indole e gentil figura do moço vasconço, levaram-no á côrte d'Aragão, na qualidade de pagem do rei Fernando o catholico.

Sob os regios dourados paços sorri fascinante o mundo ao joven afortunado. Naquelle ambiente saturado de diplomaticas astucias, traças bellicosas e sonhos febris de ambição e conquistas, hauriu Ignacio a sêde ardente de gloria, as aspirações soffregas aos cargos luzidios, bizarramente ganhos ao serviço da patria.

Para a vida militar, pois, se sente attraído por natural propensão e pelos exemplos estimulantes que encontrava na familia, na côrte e na valente raça iberica, que famosa campeava no mundo. Atravez das phases diversas da sua existencia, vê as campanhas desde a penumbra da historia até á lucta sete vezes secular contra os filhos fanaticos do Islam, trazidos pelo Crescente ovan-te, em odio á cruz e anhelos de conquistas a este appetecido canto do Occidente. Attenta, n'essa raça indomita e aventureira que ha pouco lançara destemidos nautas em frageis embarcações, á procura de sonhadas praias e novas provincias para os seus reis, e dilatados campos para a diffusão luminosa do Evangelho.

Cedendo á sua imperiosa vocação, com que gosto envergaria o feliz Loyola as suas armaduras luzentes e cingiria a lampejante espada, para, d'alma aberta a inebriantes esperanças, phantasia ao largo pelo azul recamado de feiticeros sonhos, coração avassallado á formosa dama dos seus pensamentos, sahir, impavido e vistoso cavalleiro, a batalhar pelo patrio balsão!

A coragem de Ignacio e a sua aptidão para as armas vezes que farte se affirmaram brilhantemente; onde porém o seu valor attingiu proporções estranhas, foi na velha capital da Navarra, á qual tropas francezas vieram pôr cerco. Ao magico aceno da independencia, que o francez offerecer-lhes vinha, os Navarros saúdam jubilosos o exercito libertador, com cujo auxilio se levantam contra o jugo hispano.

Cede a tal movimento a praça cercada, e os sitiados se incorporam aos sitiados, ante os quaes se escancaram amigas as portas de Pamplona. Restava na cidadella, com um punhado de bravos hespanhoes, o bravo capitão Loyola, sobranceiro, desdenhoso do perigo, apostado a dar a sua vida em sacrificio á sua honra de hespanhol e cavalleiro.

Mais que temeraria era a resistencia contra um inimigo numeroso e bem prevenido para o ataque. Medonha ribombava a artilheria contra os muros da fortaleza, em torno á qual a morte adeja a cada instante; mas no coração de Ignacio não penetrou o medo; nervoso, pallido, os companheiros electrisa para aquelle lance terrivel em que força lhe parecia desaffrontar com a vida a honra da patria estremeçada. Não estava, porém, o destemido Loyola destinado a morrer combatendo pela querida bandeira nacional; outra, bem outra era a missão que lhe estava reservada. No mais forte do ataque e no mais heroico da resistencia, uma bala d'artilheria fere perigosamente e prostra sem sentidos o valente militar; e então se rendeu a cidadella, na qual tam radiante se destacara o heroismo de Ignacio, que o commandante francez, aquilatando devidamente a valentia, o mandou honrosamente escoltado ao solar de Loyola. No leito de dor é o illustre varão submettido á mais terrivel prova; mas a sua magnanimidade não desfalleceu um momento no barbaro tractamento e crueis operações em que o lançaram a impericia dos medicos assistentes e a pertinaz vontade do filucioso fidalgo que não queria resignar-se a vêr para sempre prejudicada, pouco que fosse, a distincta elegancia do seu garboso porte militar. A' suspeita uma vez concebida de ficar claudicando toda a vida, sentiu-se o animoso soldado succumbir ao desalento: a aguia da sua ambição cahia das alturas em que pairava, no abysmo de atroz desillusão; os horisontes da vida restringiam-se e se cobriam de luctuosas côres; adeus gloria do mundo que o deslumbrara; adeus tablado de grandezas que o tinham seduzido; adeus figura brilhante, torneios ostentosos e prodigios de bravura nos campos de batalha; adeus que additas contra os

paternos pergaminhos; adeus florões de valia que engastes sonhara aos hereditarios brazões! . .

. . . Bem podia Ignacio de Loyola dizer o adeus definitivo ás honras e grandezas que do mundo esperava; muito mais remontada e sublime occupação ia ser dada ás suas eminentes qualidades.

Nos soffrimentos que no leito o retinham, cahiu em catadupas a graça sobre aquella alma privilegiada. Tam sobrenaturalmente poderosas foram as commoções despertadas por piedosa leitura, que o enfermo levantando ao ceu os olhos, até alli magneticamente preso á terra, para Deus se volta, perante Deus se arrepende de suas vaidades, e resolutamente se delibera a começar desde logo uma vida nova, toda á virtude e a Deus consagrada. . .

Perdia a Hespanha uma espada brilhante, mas ganhava uma gloria assignalada. Acabou o soldado, mas ficou o heroe; estava mudado, mas não degenerado; guerreiro era, guerreiro fica; vae trocar as armas sem cobardia; mudar de bandeira, mas sem deserção. Será capitão de exercito aguerrido, fundador de milicia invencivel, heroe e creador de heroes, tronco de numerosa descendencia espiritual, que vae ser custodia da fé, da Egreja ás ordens intemeratas, lidando, a vida gastando em sacrificios de assombro.

Mezes decorrem. Na pequena cidade de Manreza attrae involuntariamente as vistas um pobre mendigo, recomendado por grandes virtudes plenamente comprovadas; e que no hospital da terra largas dava á sua caridade, e nas praças publicas, ardendo em zêlo, ensinava o cathecismo e prégava a creanças e adultos alternando estes trabalhos com as mais asperas penitencias a que se entregava na gruta de Manreza.

O povo o escuta recolhido, e docilmente volta a religiosos costumes, dos quaes bem distanciado estava. Auras de santidade envolvem aquelle vulto austero e sympathico asceta; vê-lo é ver personificado o completo desprezo do mundo e suas caducas vaidades: cobre seu corpo uma grosseira tunica; aperta-lhe a cintura uma corda de esparto; os cabellos desalinados lhe cahem nos hombros; os pés, sempre descalços pisam o solo; no seu rosto esquelético imprimem inconfundivel sêllo as macerações mais desapiedadas, as penosas vigílias, os frios penetrantes, todas as inclemencias tormentosas.

Caudaes enchentes de luzes sobrenaturaes inundam a sua alma; os olhos faiscam-lhe, por vezes, reflexos arruantes d'aquella celeste gloria que seu espirito ora em fervorosas orações vislumbra, ora em demorados extasis ar-

rebatado gosa. Em vão tentariam os habitantes de Manreza prescrutar a origem e precedentes do mysterioso personagem; que elle occulta no mais impenetravel segredo o seu passado e proveniencia, e tão sómente mostra á evidencia as suas ardentes aspirações do presente: glorificar a Deus em si e no seu proximo. Todavia as exterioridades de miseria e soffrimento que enquadravam aquella alma formosa, não podiam eclipsar por completo os traços distinctos da sua fidalga raça. Advinhava-se, transparecia no pobre penitente, um homem que desertara abnegado das bandeiras do seculo. E com effeito estava alli o que fôra o intrepido guerreiro de Navante e Pamplona, o gentil corteção vaidoso da côrte do Aragão e Castella, o sympathico e donairoso D. Ignacio de Loyola.

As faltas que Ignacio commettera, estariam já por ventura expiadas; mas ah! não bastava do futuro monstro de virtude o flagellar continuo do açoite, o machucar permanente do cilicio, o devorar do jejum nas entranhas, a penitencia, emfim, mais assombosa que fizera e fazia; não bastava. Força era que fosse mais valorizado o seu já grande merecimento; o grande servo de Deus devia sel-o mais e mais; aquella natureza fogosa do antigo corteção e militar carecia de ser fartamente fraguada; aquella vontade de ferro devia ser plenamente subjugada; aquelle outrora immalleavel bronze preciso era se tornasse qual branda cêra nas mãos do Omnipotente, para, no crisol da graça mais extraordinaria, se volver no lucido diamante moldado na mais esplendorosa santidade.

Por isso os trabalhos succedem-se, os soffrimentos não cessam na vida do santo varão.

Vêm-lhe os escrupulos ralar a consciencia, parece-lhe que Deus o abandona; chega a imaginar-se perdido; redobra as austeridades para apylacar a supposta ira de Deus; assomma ao seu espirito a diabolica tentação do desespero, mas rapida se desvanece; o Senhor não abandonava o seu servidor fiel: apoz as provações amarguradas vinham as celestiaes visões, colloquios divinos com Jesus e com a Virgem santa, revelações, prodigios estupendos.

A devoção com os logares sagrados em que o Salvador viveu e morreu, o desejo vehemente de converter infieis e de receber o martyrio levam o homem de Deus á Palestina. Ingrato foi o penar do santo n'essa viagem demorada; ás torturas da penitencia terrivel, que jámais afrouxava, accresciam os doestos e maus tratos que encontra por toda a parte, na ida, nas plagas da terra santa, e no seu regresso a

Hespanha. Aqui volvendo, terrivelmente se lhe agrava o pezo da sua cruz: recebe desprezos a sua pregação calorosa; encontra vexames o seu zêlo religioso; zombarias a sua piedade acendrada; insultos lhe provoca o seu vestuario andrajoso; guerreiam-no os vicios que elle combate; por vezes contra elle se ergue a piedade illusa e a falsa orthodoxia.

(Continua)

A. A.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Os partidarios de Antigonos fabricam armas

(Vide pag. 19)

Sabe-se pela Historia Romana, que quando Octavio e Antonio proclamaram Herodes, rei dos judeus, tambem declararam que Antigonos, filho de Aristabulo II, e ultimo rei dos Asmoneus fosse destituído de todos os seus direitos á monarchia.

Mas emquanto os dois generaes romanos, acima mencionados, coroavam Herodes no Capitolio, tratava Antigonos de se preparar para ir cercar Massada, e os seus partidarios fabricavam armas com a maior diligencia, afim de poderem resistir ao monarcha que lhes era imposto pelos estrangeiros. E' este grande movimento que constitue o assumpto da nossa segunda gravura.

Afinal Herodes obrigou-o a levantar o cerco da cidade, exterminou todo o seu exercito, e assim ficou firme no throno, extinguindo os ultimos restos do partido dos Asmoneus.

SECÇÃO NECROLOGICA



Foi Deus servido chamar á sua divina presença a alma da Exc.^{ma} Snr.^a D. Anna Amalia do Valle Pereira Cabral, tia do snr. Miguel de Souza Guedes.

Era uma alma de elite, e uma senhora de verdadeiras crenças catholicas, como aliás o são todas as pessoas da sua illustre familia, a quem demos sentidissimos pesames pelo fundo golpe que receberam.

—Igualmente falleceu n'esta cidade o snr. Miguel Malheiro Correia Brandão, general reformado, residente n'es-

ta cidade. O finado era coronel, comandante de Caçadores 9, por occasião da revolta de 31 de janeiro de 1891. Em 1892 foi reformado no posto de general de brigada. Era presidente da assemblea geral da Associação Catholica Portuense.

Por alma dos extinctos pedimos uma oração a todos os nossos leitores.

—Tambem falleceu repentinamente na capital o snr. tenente-coronel Monzinho d'Albuquerque, aio de S. A. R. o principe Real D. Luiz Philippe, e que tam notavel se tornou por occasião da prisão do Gongunhana, e da celebre campanha dos Vatuas e dos Namarraes em Moçambique.

Consta que o valente militar andava ultimamente desgostoso. O cadaver do illustre finado que fora levado para o hospital da Estrella, foi levado por ordem do ministerio da guerra, por todos os officiaes superiores da guarnição de Lisboa.

Sua Magestade a rainha foi pessoalmente desanojar a viuva, e Sua Magestade El-rei, foi conjuntamente com seu augusto filho ajoelhar-se por algum tempo junto ao cadaver do que em vida fôra um seu leal servidor.

Por alma do finado militar tambem pedimos as orações dos nossos leitores.

SECÇÃO NOTICIOSA

Agradecimento

A empreza do «Progresso Catholico» agradece mui penhorada a todos os seus bondosos amigos que obtiveram novas assignaturas para este jornal. Oxalá que todas as pessoas a quem se dirigiu fizessem outro tanto.

D. Antonio Moutinho

Foi no dia 6 solemnemente sagrado na Sé Cathedral do Porto, como já tinhamos prenunciado, e como foi amplamente pormenorizado nos jornaes diarios o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Moutinho, bispo d'Argos, e prelado de Moçambique.

Esta imponente cerimonia foi muitissimo concorrida, e presenciada por tudo quanto o Porto tem de mais illustre.

N'uma tribuna da capella mór assistiu ao solemne acto a edosa mãe do illustre prelado, que chorou d'alegria, quando viu o filho, depois de sagrado, percorrer o templo, de mitra e baculo, abençoando os circumstantes, que se ajoelharam, reverentes, na sua passagem. Ditosa mãe!

O novo antistite espera celebrar proximamente a sua primeira missa pontifical, na egreja matriz d'Ovar.

Os nossos parabens ao novo e eximio prelado.

O novo parcho da Foz

Tomou posse já do seu novo cargo, o Rev.^{mo} Padre Augusto Gomes de Souza, novo abbade da Foz, teudo celebrado a sua primeira missa parochial no domingo 5 do corrente.

O novo parcho foi muito cumprimentado.

Varias noticias

Pela nova reforma dos serviços de saude e beneficencia, houve n'esta cidade, as seguintes nomeações: Jorge Mario da Silva Cruz para o lugar de secretario da respectiva delegação; Armando Carlos Villela, para official da delegação de saude do Porto; Sebastião Pereira Campos, amanuense da referida delegação; Alberto Antonio Alves, official da secretaria do serviço de molestias infecciosas; Eduardo Ribeiro Marques, amanuense da sobredita secretaria; Henrique José dos Santos Cardoso, administrador do posto da desinfecção; Serafim Motta Ribeiro, machinista do sobredito posto; Antonio Luiz Ferreira, ajudante do machinista; Jaime Bernardino Alves Passos d'inspector do posto; Manoel Tavares d'Almeida, idem; João Alves Teixeira, fiel do posto; Joaquim Antonio Geraldo, cocheiro do posto; José Monteiro, idem; Manoel Lourenço Maia, continuo; Dr. Antonio Gonçalves d'Azevedo, guardamór de saude do Porto em Leixões; Dr. Augusto Cardia Pires, idem; Dr. Antonio Joaquim de Souza Junior, medico chefe do laboratorio bacteriologico; Dr. Antonio Balbino no Rego, ajudante do mesmo; Ignacio José d'Oliveira, preparador do laboratorio; Antonio d'Oliveira, ajudante do preparador.

—Em razão de ter fallecido o Rev.^{mo} José Monteiro Ribeiro de Carvalho, vigario da vara do 2.^o districto do Tamega, foi nomeado para seu lugar o Rev.^{mo} Adriano Leite Cardoso Pereira de Mello, abbade de S. Thomé de Covellas. Tambem foi nomeado vigario da vara do 1.^o districto da Feira, o Rev.^{mo} José de Souza Barroso, por ter sido nomeado prelado de Moçambique o snr. D. Antonio Moutinho, que até aqui exercia aquelle cargo.

—Consta que brevemente se abrirá concurso para provimento de vagas existentes de professores de instrucção secundaria.

O «Echo»

Entrou no segundo anno da sua publicação este bem redigido semanario lisbonense, pelo que damos os nossos sinceros parabens ao snr. Luiz de Pava Castilho, dignissimo director d'aquelle nosso querido collega.

Sinistro maritimo

No domingo 5 do corrente appareceu

em frente da nossa barra o hiate portuguez *Rodolpho*, da praça de Vianna do Castello, com bandeira colhida, pedindo soccorro. Horas antes tinha entrado em Leixões um barco poveiro do commando de Francisco Ribeiro Pontes, dizendo que tinha encontrado o hiate no alto mar, com grande numero de naufragos de dois vapores que tinham ido ao fundo, em frente d'Aveiro.

Partiu logo o rebocador «Tritão» em busca dos naufragos, e rebocou o hiate para dentro do porto de Leixões.

Interrogado o snr. Guilherme Luiz Guerreiro, mestre do hiate *Rodolpho*, soube-se que na noite antecedente haviam abalroado, em razão do denso nevoeiro que fazia, a 20 milhas aproximadamente em frente de Aveiro o vapor hespanhol «Hullera Española» que ia de Avilez para Barcellona com carvão, e o vapor inglez «Alfonso» que ia de Cartagena para Maryport com carga de mineral.

O vapor inglez fora traçado a meia náo, afundando-se completamente, e morrendo toda a tripulação, composta de 18 homens, excepto o capitão Burnett, que podera agarrar-se, na occasião do abalroamento a um dos ferros de prôa do vapor hespanhol. Este tambem depois se submergiu, mas salvou-se toda a tripulação, nos botes, excepto um marinheiro, que na occasião do embarque morreu esmagado entre o bote e o casco do vapor.

Os naufragos já partiram para o seu destino.

Nova folhinha

Recebemos um exemplar da «Folhinha das familias christãs» publicada pela Vidraria Lusitana do snr. José Maria Constantino Bastos & C.^a, com estabelecimento na rua da Fabrica n.º 16. E' revista por um ecclesiastico, destinando-se o producto liquido para as escolas de Jesus, Maria e José.

Recommendamol-a aos nosos leitores, porque é um livro util.

Descantes populares

Conforme os mais annos, e porque as noites limpidas assim o permitiram, percorreram a cidade, nas noites de 5 e 6 do corrente, varios grupos e estudantinas, dando as boas-festas, para angariarem alguns dezreisinhos. Notamos, porém, que ha dois ou trez annos a esta parte, teem cahido de moda os antigos descantes populares, que cantavam o nascimento do Menino-Deus, sendo substituidos por umas lóas disparatadas, que não teem graça nenhuma. Nova prova da deschristianisação do povo.

Rectificação

Por lapso, foi publicada no numero

antecedente d'este jornal uma noticia com referencia ao excellent *Almanach de Santo Antonio*, extrahida do nosso presado collega *O Grito do Povo*. E a razão é muito simples; foi porque na mesma officina em que é impresso o *Progresso Catholico* se compõe e imprime tambem aquelle semanario, orgão do centro catholico de operarios no Porto. D'ahi, o engano que se deu.

Aproveitando, porém a occasião, não podemos deixar de dar por bem empregada aquella referencia, e de fazermos nossas todas as expressões d'aquelle nosso collega, porque é pouco tudo quanto se diga elogiando aquella importante publicação.

E senão, comprem-na os leitores, e verão se somos ou não verdadeiros na nossa apreciação.

Custa a obra apenas 250 rs. em brochura, mas tem 312 paginas, contendo alem do que é proprio d'um almanach, muitas e mui variadas gravuras, muitas e chistosas anedoctas, contos graphicos, e principalmente—o que mais deve importar ás familias catholicas—tudo quanto lhes importa saber, em assumptos religiosos, jejuns, indulgencias, etc.

Agradecemos o exemplar com que foi mimoseada esta redacção.

Arcebispo de Braga

O Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo Primaz esteve n'esta cidade no dia 9 do corrente tendo vindo assistir ao conscreio da Exc.^{ma} Snr.^a D. Maria do Pilar, gentil filha do snr. Dr. Adolpho Pimentel, com o Exc.^{mo} Snr. Dr. Antonio Homem de Mello Macedo, delegado do procurador regio, na comarca de Braga. A cerimonia que se realisou no paço episcopal teve uma selectissima concurrencia, tendo celebrado a missa *pro sponso et sponsa* o snr. D. Manoel Xavier da Cunha.

S. Exc.^a Rev.^{ma} partiu n'essa mesma tarde para a sua casa d'Agueda, tendo tido uma despedida affectuosissima na gare, onde compareceram innumeraveis cavalheiros, e entre elles os Rev.^{mos} bispos do Porto e de Moçambique.

Encyclopedia Portugueza Illustrada

Recebemos o fasciculo 153 d'este excellent dicionario universal publicada sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 445 artigos e 10 figuras e abrange os termos *Depauperacção* a *Des...* Entre os artigos mais notaveis, cumpre lembrar *Deposito* do snr. dr. Domingos Ramos e *Derivada* do snr. J. C. d'Oliveira Ramos.

Continua a assignar-se este copioso

dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

Diccionario apologetico da Fé Catholica

Foi-nos entregue o 13.º fasciculo d'este esplendido Diccionario, e com elle uma elegante capa para brochura do 1.º volume que termina com parte d'este fasciculo, no artigo *Determinismo*, e respectivo *Indice*.

A outra parte pertence já ao 2.º volume e abre com o monumental artigo **Deus**, d'uma importancia digna de nota.

Do valor d'esta obra já temos dito tudo quanto nos era possivel, seguindo mesmo a opinião auctorisadissima de differentes sabios que sobre a obra se teem occupado.

As muitas approvações de differentes prelados estrangeiros onde a obra tem sido publicada, e entre nós a auctorisação concedida pelo nosso ex.^{mo} e rev.^{mo} prelado, são garantia segura de que o sr. Dourado verá coroada do melhor exito a sua arrojada tentativa.

O erudito professor ex.^{mo} sr. Padre José Lopes Leite de Faria, traductor da obra, tambem é digno do nosso elogio, pelo cuidado que tem empregado para que este trabalho possa figurar na estante dos maismeticulosos.

O preço d'este 1.º volume por assignatura é de 1\$300 réis. Avulso 1\$500.

Continua a assignatura aos fasciculos ao preço de 100 reis cada um.

Editor Antonio Dourado—**Rua das Flores n.º 42, 1.º—Porto.**

EXPEDIENTE

Pedimos aos nosos dignos assignantes que se acham em debito do anno findo a especial fineza de mandarem satisfazer de prompto a importancia da sua assignatura.

*
* *

Prevenimos tambem a todos aquelles que desejam o brinde a IMITAÇÃO DE CHRISTO, do Rev.^{mo} Padre Marinho, de mandarem mil reis pela sua assignatura, do corrente anno, pois o praso para se poder obter, termina a 31 de março proximo.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial
Portuense de 1887, Industrial
de Lisboa de 1888 e Univer-
sal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro,
lisos e lavrados; paramentos para egreja;
galões e franjas d'ouro fino e falso;
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas
familias reaes Portuguezas.

ANNUNCIOS

As Tres Rosas dos Escolhidos

Tradução da 2.^a edição franceza

PELO

Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

*Approvada e recommendada
pelo Em.^{mo} Sr. D. Americo, Cardeal Bispo
do Porto*

e pelo Ex.^{mo} Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12
francos de porte, dirigindo-se ao editor José
Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—
Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-
sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das
Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.
Cento, 600; avulso, 10 reis.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.^a edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholi-
cos. Preço 600 reis.

Meditações

para o mez de Maio

Pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia
de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com
a Santissima Virgem para todos os dias, e to-
cantes exemplos extrahidos das obras de Santo
Affonso Maria de Ligorio e de outros bons au-
ctores. Com approvação do Em.^{mo} Snr. Car-
deal Bispo do Porto—1 vol., 100 reis. enca-
dernado 160

FLORES A S. JOSÉ

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno
com exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Egreja
e outros eminentes auctores*

E COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço encadernado . . . 200 reis

**A Santa Montanha de La Sa-
lette**—Por A. J. Almeida Garret—Approva-
do pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto
—1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas—Por J.
F. da Silva Esteves—1. vol., broch. 600

Uma Visita a Lourdes—Peol Ex.^{mo}
Snr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200

Catholicismo para uso do povo contra
o protestantismo, composto pelo Cardeal Cues-
ta, Arcebispo de S. Thiago—Approvado pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

A Mulher—Apontamentos para um li-
vro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo
Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—1 vol., bro-
ch. 400

Resumo da Doutrina Christã
—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do
Porto—Cada cento, 15000 reis—Um exem-
plar. 20

**Ladainhas ao Sagrado Cora-
ção de Jesus**—Approvadas para toda a
Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por
decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de
1899. 10

**Forma de se ganhar com especialidade
a Indulgencia da Porciuncula**—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santida-
de Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos,
depois das missas rezadas em todas as egrejas
do orbe catholico—Tradução approvada pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez,
10 reis—Em latim e portuguez 50

**Vida Popular de S. João de
Deus**—Fundador da Ordem que usa o seu
nome e padroeiro de todos os hospitaes do
mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria
Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão
do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diver-
sas approvações—1 vol., broch. 600

Oração para se offerecer a Sagrada
Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo}
Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitu-
lar. 10

Relação Geral das freguezias da dio-
cese do Porto. 1 vol., broch. 300

Sorrisos d'um velho—A verdade a
rir—O erro chorando.—Com approvação do
Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo
Ex.^{mo} Snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol.,
Broch. 400

**Vida Popular de S. Vicente
de Paulo**, pelo Padre Berbigner, conego
honorario de Bordenes e Arcypriste do Ligor-
no—traduzida do francez, por M. Fonseca—
Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo
do Porto—1 vol., broch. 400

A Confissão Sacramental—Pelo
Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho—Com apro-
vação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1
vol., broch. 250

**O Apostolado da imprensa—
O Apostolado da educação—
O Apostolado do clero**—Conferencias
religiosas que nos domingos da quaresma de
de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral
do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues
Vianna—3 vol., broch. 750

**Os Milagres de Lourdes e o se-
culo XIX**—Considerações sobre os mila-
gres e replicas aos «espíritos fortes» que os
põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Ben' José Labre—Tributo de res-
peito no seu primeiro centenario, por Francis-
co d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de
Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Snr.
Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Tudo por Jesus ou caminhos faceis
do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico
William Faber, Superior do Oratorio de S.
Philippe de Nery, de Londres, Doutor em
Theologia—Obra tradusida do inglez para o
francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua
para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol.,
broch., 600—enc. 800

Jesus Vivo no Padre—considera-
ções sobre a excellencia e santidade do sacer-
docio, pelo Rev. Padre Milelt, da Companhia
de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo
Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approva-
ção e recommendação dos Prelados portuguezes—
Um grosso vol., broch., 700 enc. 900

O mez dos Finados—Meditações
para todos os dias do mez de Novembro—Com
approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do
Porto—1 vol., broch. 300—enc. 400

Oração Funebre, do Exc.^{mo} e Rev.^{mo}
Snr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes,
Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e
futuro successor de Lamego, recitada nas so-
lemnes exequias celebradas na egreja do Semi-
nario conciliar de Braga no dia 10 de julho de
1890—Preço. 250

Defesa da Crença Catholica—
(refutação das «Lendas Christãs» pelo snr.
Theophilo Braga) por João Manuel de
Abreu. 500

**Jesuitas e mais alguma coi-
sa**—Estudo pittoresco da Companhia dentro
e fóra da *grainha*, escripto nas horas do bom
humor, pelo seu autor Antonio João Rodrigues
da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philoso-
phia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., Bro-
ch. 200